

# Mal-estar inevitável - espaços possíveis (situando algumas questões)

Silvia Alonso

Através do exame de textos escritos em momentos e lugares diferentes, este artigo questiona a "crise" da psicanálise e os conflitos institucionais implicados no processo de formação.

**É** maio de 1968. Os acontecimentos políticos em Paris produzem efeitos no seio da Sociedade Psicanalítica, que convoca uma Assembleia Geral. Nela são estabelecidas comissões de estudo sobre os problemas colocados pela situação sócio-cultural da Psicanálise. Dentre as comissões formadas, a mais ativa é a que se dedica a estudar a carreira e a hierarquia existentes na Sociedade Psicanalítica de Paris.

Num texto de Jean-Luc Donnet, que o próprio autor apresenta como sendo um testemunho de uma reflexão coletiva, encontro a seguinte afirmação: "A crise da psicanálise contemporânea é cada vez mais patente e mais pública".<sup>1</sup>

Silvia Alonso é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Este texto foi apresentado no 1º Congresso Interno do Departamento (18.6.1994).

Os acontecimentos de maio são fatos políticos; eles repercutem fortemente no interior da Sociedade Analítica, e isto leva o autor a questionar-se sobre o porquê desta repercussão. Este é um momento histórico no qual a relação entre o cidadão e o analista é interrogada. Um momento em que a psicanálise é julgada enquanto teoria da cultura, enquanto prática, e também em suas propostas de formação.

O autor vai deixando claro ao longo do texto que há um fenômeno de *ressonância* da impugnação externa que se encontra com um *mal-estar* existente dentro da própria instituição. Este mal-estar estaria colocado, segundo a visão do autor, da seguinte maneira: o projeto inaugural de uma sociedade de analistas não dissocia a transmissão da extensão. "Transmitir a psicanálise é manter viva a descoberta freudiana; estendê-la é desenvolver suas implicações em todos os domínios possíveis. Quando o próprio processo de extensão da psicanálise põe a perigo "a ortodoxia", surge a exigência do *controle da formação* e do controle dos analistas por si mesmos, com a conseqüente instauração de um princípio de *responsabilidade coletiva*."

A contradição existente - definição da formação do analista centrada na análise pessoal *versus* exercício de controle da formação - irá ser examinada ao longo do texto. Os efeitos desta contradição em cada uma das instâncias no interior da Sociedade Psicanalítica de Paris, vão sendo apresentados com clareza.

### Vamos nos transportar no espaço

Argentina em 1969.

Este ano foi um marco na história do movimento psicanalítico internacional. Em 69, a IPA (Associação Psicanalítica Internacional), convoca seu vigésimo-sexto congresso em Roma. Um grupo de jo-

vens analistas europeus autodenominado "Plataforma Internacional" organiza então um contra-congresso para discutir os seguintes temas:

- \* Formação do analista
- \* Estrutura e função da Sociedade de Psicanálise
- \* Lugar social da Psicanálise
- \* Relação do analista com suas instituições

A Argentina vive um momento conturbado socialmente, e no final do ano de 69 a Sociedade Psicanalítica Argentina (APA), começa a sentir o impacto desse movimento

Transmitir a psicanálise é manter viva a descoberta freudiana; estendê-la é desenvolver suas implicações em todos os domínios possíveis.

social. Um grupo de analistas membros da APA, forma o grupo Plataforma Argentina, que em 1971, renuncia à sua pertinência institucional.

Os livros *Cuestionamos I*<sup>2</sup> e *Cuestionamos II*<sup>3</sup> analisam esse momento. Num dos textos de autoria de Emiliano Galende, encontro a seguinte frase: "As notas constituem algumas reflexões sobre a crise que a psicanálise e os psicanalistas têm vivido nos últimos anos."<sup>4</sup> E esclarece numa nota de rodapé: "denominamos "crise" o momento de ruptura de um equilíbrio posto em valores."

O texto de Galende vai desenvolvendo as vicissitudes de um grupo de analistas de uma cidade do interior da Argentina (Rosário): isto permite ao autor ir refletindo sobre um projeto de formação de analistas com relação ao lugar social e às demandas sociais em determinadas circunstâncias históricas.

Neste percurso, o autor deixa claro como determinadas formas das relações de poder no interior da Sociedade de analistas empobrecem sua produção. Galende escreve: "*Torna-se necessário para a instituição normatizar suas práticas e formalizar a relação entre os praticantes. Estas atuam como contra-senha de reconhecimento entre os membros do grupo, agregando-se à identidade do analista como gradações de prestígio e poder. A aceitação e o cumprimento delas é condição de reconhecimento pelo grupo, e além disso garantia dos benefícios que a pertinência institucional outorga. Daí a tendência à ritualização das práticas e relações interpessoais e o empobrecimento da criatividade, cuja condição passa pela transgressão.*"<sup>5</sup>

### Vamos nos transportar no espaço e no tempo

Califórnia, 1990.

Num texto chamado "A situação atual da Psicanálise", Otto F. Kernberg se refere a uma série de artigos de importantes analistas dos Estados Unidos, que trazem uma "... *ilustração viva do sentimento de crise experimentado atualmente na comunidade psicanalítica do país.*"<sup>6</sup>

Na opinião do autor: "*Junto à perda do papel protetor que a psiquiatria organizada teve em relação à psicanálise no passado, teme-se que haverá uma diminuição ainda maior de prestígio e do 'terceiro pagante' no tratamento psicanalítico.*"<sup>7</sup> O autor percorre no texto uma série de aspectos sobre a situação da psicanálise em seu país, chegan-

do a questões sobre a organização institucional e a formação. Ali encontramos as seguintes afirmações: "... acredito que muitos de nossos institutos de psicanálise são caracterizados mais pela atmosfera de doutrinação do que pela exploração científica."<sup>8</sup>

Afirma também: "Os analistas formadores acreditam estar transmitindo ao mesmo tempo arte e ciência, mas estruturam os institutos de modo a corresponderem mais a uma escola técnica com traços de seminário religioso."<sup>9</sup>

"**A** análise didática propõe-se uma meta extrínseca ao processo de análise e consolidada de saída pela convivência conjunta de três instâncias: a instituição (e seus ideais), o analista (e seus ideais) e o candidato (e seus ideais ou ambições)."

Os três textos citados são de analistas de associações diferentes, de lugares distantes, e foram escritos num intervalo de tempo de 25 anos. Chamou minha atenção a insistência de todos eles sobre a "crise da psicanálise". Meu interesse foi também despertado pela semelhança dos contextos nos quais esta afirmação surgiu. Os três textos citam momentos nos quais os analistas se vêem tocados por acontecimentos *extra-muros*, que os interrogam a respeito dos seus lugares, e os levam a formular perguntas com relação às suas próprias associações e seus projetos de formação.

Nas duas primeiras situações, trata-se de movimentos sociais que questionam as relações de poder e interrogam os analistas sobre as rela-

ções de poder em suas próprias associações. Na terceira, são mudanças no lugar social da psicanálise e no discurso psiquiátrico que levam os analistas a se perguntar sobre o *empobrecimento* do seu próprio discurso. A função dos analistas, recebe apelos, questionamentos e exigências no sentido de se re-pensar, vindos do *extraterritorial*.

Crise do que? - de valores - responde E. Galende. De ideais, diria eu.

Existem momentos na história do movimento psicanalítico, como

os acima citados, nos quais a força de desestabilização é intensa a ponto de gerar propostas de mudanças significativas, ou de produzir rupturas institucionais e organização de novas propostas de formação. Contudo, não é sobre os *momentos de crise* que estou interessada em refletir, e sim sobre algo que nesses momentos vem à tona de maneira mais expressa, embora trate-se de paradoxos que são *permanentes*.

Os três textos seguem um mesmo caminho. Os autores se perguntam sobre as formas de controle, reconhecimento e organização que funcionam nas instituições e sobre os efeitos que estas têm no cerceamento *à criatividade dos analistas*.

Existe um eixo que eu caracterizaria como sendo: demanda do

social - ideais - formas de organização institucional - formação; no qual funcionam vetores de *equilíbrio crítico permanentes*. Os lugares em que as apelações do *extra-muros* fazem eco, ressoam, são lugares de um certo "mal-estar inevitável".

### Análise pessoal / Controle institucional

Começemos pelo começo. O fato de alguém desejar ser analista implica em uma condição psíquica na qual a curiosidade foi subtraída ao processo de repressão como para seguir o caminho da sublimação, e a escolha desse objeto particular, sabe-se lá através de quais vicissitudes e destinos identificatórios.

Uma vez que o desejo se faz presente - sendo indiferente que este surja antes de começar uma análise ou durante o desenrolar da mesma -, ele é objeto de análise. Para tanto, é necessário que a *análise pessoal* exista. Aqui começam as opções com relação ao lugar que a instituição irá ocupar.

Se se pensa que uma vez tendo surgido o desejo este deve ser apresentado a uma associação de analistas, esta pessoa terá que escolher um analista e uma instituição ao mesmo tempo, num amálgama que outorga ao *ideal* toda sua força.

"A análise didática propõe-se uma meta extrínseca ao processo de análise e consolidada de saída pela convivência conjunta de três instâncias: a instituição (e seus ideais), o analista (e seus ideais) e o candidato (e seus ideais ou ambições)", diz Jean Laplanche.<sup>10</sup>

Este autor distingue a análise feita por "demanda" da análise "sob encomenda" de uma instituição<sup>11</sup>. A análise feita sob encomenda de uma instituição instaura, desde o início, um "inanalizável", já que a ambição do analisando quer ser analista, e a proposta do analista vamos torná-lo um analista criam certamente, um *ponto de surdez*.

Gostaria de deixar claro que não estamos negando, com todas estas afirmações, aquilo que de análise possa existir na chamada "análise didática"; nem pensando que na análise pessoal não existam pontos de dificuldade na escuta, nos momentos em que se trata de analisar algo que toca o analista, num lugar de tanto investimento libidinal como é seu próprio ofício.

Mas para que instaurar uma *surdez institucionalizada*?

Não associar a análise pessoal à obtenção de um *produto acabado*, conforme os ideais institucionais, tem sido nossa proposta. Cada um escolhe então o seu analista, que pode pertencer à instituição x ou y ou a nenhuma delas, para se aventurar num processo de viagem "ao estrangeiro" em si (J. Laplanche), não encontrando assim na questão profissional uma linha de fuga para a dor na transferência.

Gostaria de citar algumas reflexões sobre o tema:

a) "*A experiência mais penosa para aquele que deseja ser analista é aprender a ser analisado*". (Octave Mannoni)<sup>12</sup>

b) "*Autorizar a si mesmo a "ser louco" na análise, em vez de representar o normal, supõe que o analisando saiba que, no fim, ele não será eliminado da instituição*". (Maud Mannoni)<sup>13</sup>

c) "*A temporalidade da transferência é o "après-coup": então é por "ação diferida" que a transferência pode ser percebida ou teorizada, para além da oposição entre a sua "loucura" e a sua "normalidade", na integração simultânea da "normalidade da sua loucura" e da "loucura da sua normalidade", de toda normalidade. A carreira confirma uma temporalidade linear cujo valor de resistência na cura é conhecido; ela aliena sua fecunda alienação*". (Jean-Luc Donnet)<sup>14</sup>

A relação análise pessoal / controle institucional, segundo me parece, é um dos eixos de tensão.

## Desejo de conhecimento / desejo de reconhecimento

É claro que, quando alguém quer ser analista, há nesse querer algo que se entrelaça ao lugar social da Psicanálise. Não é o mesmo querer ser analista no marco da resistência cultural à psicanálise - onde talvez um certo heroísmo fizesse parte da escolha - e querer sê-lo num momento histórico no qual o prestígio social outorga à escolha a fascinação dos emblemas sociais, a ponto de passar do "*desejo de conhecer*" ao "*desejo de fazer-se reconhecer*" (Piera Aulagnier)<sup>15</sup>. Assim

É importante neste momento encontrar formas mais claras para reconhecer diferenças e distintos momentos do percurso.

como não deve ser igual uma escolha feita num momento em que a prática está desprestigiada perante outras opções (Otto Kernberg).<sup>16</sup>

Na história do movimento psicanalítico, foi sendo produzido um deslocamento. Fundamentalmente a partir de 1920, começa-se a insistir no caráter da formação profissional, e, de acordo com o testemunho de vários autores, os candidatos passam a estar cada vez menos preocupados com a cura dos seus sintomas e mais preocupados com o projeto

de se tornarem "*um analista ideal*".

Encontro neste eixo: demanda de reconhecimento - formas nas quais a instituição responde a ela, outro dos paradoxos a ser equacionado.

Temos nos negado a transformar nossa instituição em lugar de habilitação profissional, garantia de autorização. Contudo, desde que o projeto de formação foi aberto para profissionais não-médicos nem psicólogos, têm surgido reiteradamente nas discussões sobre a seleção, situações que nos levam à seguinte questão: somos procurados como uma instituição habilitadora?

Tem ficado claro que o simples fato de dizermos "não habilitamos", "não outorgamos diploma", não nos isenta das difíceis questões da procura por reconhecimento. Algumas perguntas têm surgido insistentemente no interior da instituição nesses últimos tempos: precisamos mecanismos de reconhecimento institucional diferentes daqueles que temos? Será que é necessário explicitar com maior clareza o modo como este reconhecimento acontece no interior do Departamento? Não seria melhor estabelecer rituais de passagem mais claros?

Entendo que é importante neste momento encontrar formas mais claras para reconhecer diferenças e distintos momentos do percurso. Mas, fundamentalmente, acredito que temos que *conhecer e reconhecer* o que os colegas fazem, pensam e produzem. Ou seja, encontrar formas de reconhecimento institucional que não repitam o deslocamento acontecido na história do movimento psicanalítico: a passagem sintomática do "*desejo de conhecer*" para o de "*fazer-se reconhecer*", no sentido de mera marca.

## Aparato teórico / Saber inconsciente

O processo de análise permite a supressão de resistências, o que,

por sua vez, permite que o analisando tenha a possibilidade de ser suporte para que outro processe as suas próprias interrogações. Supõe-se também que a própria análise, bem como a prática clínica, modifique a relação do analista com os textos. Não é necessário fazer análise para ler Freud, mas certamente fazer análise e analisar nos coloca, em relação ao texto, numa possibilidade de interlocução e apropriação diferentes.

Diz Piera Aulagnier: "... o praticante, longe de desempenhar um papel secundário com relação ao texto, transforma-se no único capaz de desenvolver-lhe sua 'potência de ato'".<sup>17</sup>

Gosto de pensar o Departamento de Psicanálise como um lugar de encontro, que favoreça a supressão de resistências, o pensamento e a transgressão daquilo que está estabelecido, fazendo avançar a psicanálise. Mas encontro aqui um novo eixo de dificuldade. Se concordarmos com a colocação de Lucien Israel de que a "nossa função não está na teoria, mas está situada na interface entre o aparato teórico e o saber inconsciente daqueles que falam"<sup>18</sup>, certamente pensar num modo de transmissão que possa ter um certo isomorfismo com a função não é uma tarefa fácil.

É sobre este ponto que nos debatemos quando perguntamos: como se escreve, ou como se lê uma monografia? Como transitar pelas teorias sem transformá-las em dogmas? Certamente temos feito algumas escolhas, por exemplo, a de não fazer uma psicanálise de escola, colocando-nos como seguidores de alguém, fato que nos deixaria como analistas tão presos às questões de fidelidade, que seríamos impedidos de pensar a prática.

Em certos momentos, tem sido uma escolha transmitir os conceitos na própria história da sua produção, já que *des-historizá-los* pode levar a uma absolutização que os transforme em dogmas.

Entender que a transmissão

acontece rente ao pensar, repensar, re-significar a clínica. Tentar conseguir reelaboraões significantes sobre o que fazemos naquilo que o tecido tem de mais sensível, na mais delicada filigrana, na construção mais minuciosa daquilo que está em jogo na dinâmica da transferência. São propostas que certamente nos diferenciam de um projeto de "ensino da psicanálise". Contudo, há muito o que fazer neste sentido.

Se existe uma permeabilidade entre o *processo primário* e o *processo secundário*, que é necessário manter para que a escuta analítica se torne possível, resta muito trabalho

Ainda resta muito trabalho para inventar modos de transmissão que não inibam a pesquisa teórico-clínica.

ainda no sentido de inventar modos de transmissão que não produzam efeitos inibitórios sobre o processo de pesquisa teórico-clínico.

É fundamental incluir o trabalho sobre as resistências, não somente sobre aquelas que impedem a condução de um tratamento, mas também as resistências que são fruto daquilo que foi instituído, que impedem a inclusão de novas idéias, a investigação de outras temáticas que permitam à psicanálise avançar.

## Inventividade / Ideais instituídos

Os permanentes embates ao narcisismo aos quais nossa prática nos expõe parecem produzir efeitos nas associações de analistas. No interior destas, o desfraldar dos narcisismos pessoais transforma em difícil tarefa o processamento das diferenças e dos conflitos de geração. Isto termina muitas vezes no assassinato dos "jóvens" ou "velhos", e não se faz necessário recorrer a histórias como as de Tausk ou Stekel para ilustrarmos este eixo de tensão.

Todo grupo de formação de analistas tem seus ideais, bem como seus projetos para desenvolver no campo psicanalítico. O ponto é como conseguir não exacerbar o *ideal do grupo* de modo a confundir-lo com o *sagrado* (René Kaës). No momento em que o ideal do grupo deixa de ser um *eixo propiciatório* para ser imposto aos seus membros condenatoriamente, a inventividade e a criatividade ficam cerceadas.

Muitas vezes foi dito que aqueles inventores meio loucos dos primórdios foram substituídos por adaptados sem nenhuma genialidade. Parece óbvio que o "analista precisa manter-se aberto à invenção, disponível aos imprevistos e sensível ao humor"<sup>19</sup> (Mannoni). Sem que haja inventividade em jogo e singularidade presente não é possível manter em andamento a "aventura analítica".

Pois bem, a Associação de analistas não tem como obrigatoriedade seguir o modelo da *massa*, na qual os membros ligam-se a um traço que os unifica, excluindo suas individualidades.<sup>20</sup> Ao mesmo tempo, a quebra dos grandes projetos no mundo contemporâneo parece levar às vezes à "crença no fazer com outros", fundamental para instaurar novas formas de sociabilidade.

Se uma Associação de analistas não tem por que seguir o modelo da massa, também não entendo que

deva ser transformada numa somatória de indivíduos umbilicalmente solitários, disputando a corrida do prestígio e do "fazer-se reconhecido".

Freud fundou a Associação Psicanalítica numa tentativa de proteger a psicanálise e os psicanalistas. Mas não transcorreu muito tempo antes que ele próprio se referisse com nostalgia aos primeiros tempos do "isolamento heróico"<sup>21</sup>. Ele se queixa, dizendo que sobreviveu à Comissão e quiçá sobreviva à própria Instituição Psicanalítica, mas que espera que a Psicanálise sobreviva, após sua morte.

*espaços possíveis* que permitam um trabalho de *elaboração simboliante*.

Tentar suprimir os conflitos por decreto nos leva somente à produção de instituições burocráticas, que, no esforço por suprimi-los, apenas eliminam a possibilidade de trabalhá-los. Dizia Groddeck: "*É necessário que a Associação Psicanalítica renuncie ao seu desejo de, como no Concílio de Trento ou na Confissões de Aushurg, estabelecer artigos de fé, legislar com soberba, brincar de banca examinadora. É necessário saber que ela tem uma*

**A** psicanálise sobreviveu e sobreviverá enquanto forem produzidos lapsos, sintomas, sonhos, e houver alguém disposto a ouvi-los.

A psicanálise sobreviveu e sobreviverá enquanto forem produzidos lapsos, sintomas, sonhos, e houver alguém disposto a ouvi-los. Mas também as sociedades de analistas continuam existindo, apesar das afirmações permanentes sobre os efeitos de esterilização, petrificação e mumificação da obra. Será que elas podem apenas ser pensadas como um mal necessário?

Tentei aqui situar algumas questões que, no nosso Departamento, são pontos de conflito. Mas se o meu interesse foi situá-los em outras instituições e momentos históricos, foi para dizer que na relação psicanálise/demanda social, psicanálise/instituído, psicanálise/saber, há conflitos que são *inevitáveis*. Entendo que é importante reconhecê-los como tais, para criar dentro do Departamento

*função mais ampla, a de explorar, duvidar e explorar novamente. Ela tem o direito de escolher seus membros, mas estará sendo no mínimo imprudente, se se pensar como a única a conhecer o caminho da salvação*".<sup>22</sup>

Pensar o Departamento de Psicanálise como local de referência e interlocução para nós, analistas. Ter dentro dele a possibilidade de associarmos-nos a outros para desenvolver projetos clínicos, de transmissão, de publicação e de pesquisa. Abrir espaços que nos permitam repensarmos-nos com relação às demandas externas, às transformações de campo e aos próprios impasses internos. E não nos vermos como uma construção acabada, mas em movimento. Isso talvez permita à Psicanálise e à Instituição continuarem caminhando...

## NOTAS

1. Donnet, Jean-Luc: "Carrera y jerarquía en la Sociedad Psicoanalítica". In *Estudios Freudianos I y 2*. Editora Corregidor, 1974.
2. Langer, Maria (org.): *Cuestionamos I*. Buenos Aires, Granica Editora, 1971.
3. Langer, Maria (org.): *Cuestionamos II*. Buenos Aires, Granica Editora, 1973.
4. Galende, Emiliano: "Psicoanálisis: Institucionalización y/o cambio". In "*Cuestionamos II*". Buenos Aires, Granica Editora, 1973.
5. Galende, Emiliano - Idem.
6. Kernberg, Otto: "A situação atual da psicanálise". In: *Boletim de Novidades Pulsional*, nº 56. Texto apresentado no encontro do quadragésimo aniversário de fundação do Instituto Psicanalítico da Califórnia e da Sociedade Psicanalítica da Califórnia, Los Angeles, 17 de novembro de 1990. Traduzido por Mônica M. Seincman.
7. Kernberg, Otto: Idem.
8. Idem.
9. Idem.
10. Laplanche, Jean: "Uma revolução incessantemente ocultada". 1989. Traduzido por Marcelo Marques. *Revista Internacional de História da Psicanálise*, 1989, nº 2 (Edição Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1994).
11. Laplanche, Jean: Entrevista com Jean Laplanche sobre a análise didática, realizada em Paris, em julho de 1993 por Luiz Carlos Menezes. *Jornal de Psicanálise*, 26: 50, 1993.
12. Mannoni, Octave: Citado em Maud Mannoni, *Un saber que no se sabe*. Buenos Aires, Editorial Papirus, 1985.
13. Mannoni, Maud: *Un saber que no se sabe*.
14. Donnet, Jean-Luc: "Carrera y jerarquía en la Sociedad Psicoanalítica". In *Estudios Freudianos I y 2*. Editora Corregidor, 1974.
15. Aulagnier, Piera: "Sociedades de Psicoanálisis y Psicoanalistas de Sociedad". In: *El sentido perdido*. Buenos Aires, Editora Tribes, 1980.
16. Kernberg, Otto: "A situação atual da psicanálise".
17. Aulagnier, Piera: "Sociedades de Psicoanálisis y Psicoanalistas de Sociedad".
18. Israel, Lucien: Intervenção em banca de tese. Publicado in *El Síntoma y el saber*. Buenos Aires, Editorial Gedisa, 1984.
19. Mannoni, Maud: La enseñanza del psicoanálisis. In: *Un saber que no se sabe*. Editorial Papirus.
20. Alonso, Silvia: "Efeitos na clínica dos ideais instituídos". *Revista Percursa*, nº 3, 1989.
21. Freud, Sigmund: *História del movimiento psicoanalítico*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1970.
22. Groddeck, George: *La maladie, l'art et le symbole*. Paris, Gallimard, 1977.